

ANNO I

Capital, 1º de Janeiro de 1901

NUM. 8

1901



PAZ



Homenagem do "Operario" ao Seculo XX

O Seculo 20

A CRUZ

O SECULO XIX

COMO no mar se alternam a tempestade e a bonança, alternam-se, tambem, na humanidade a corrupção e a regeneração, a guerra e a paz, o cataclysmo e a reconstrucção.

As instituições feudaes t'nham ficado sob os escombros da Bastilha; mas corrompeu-se o fructo de 1789, subsistindo o feudalismo da riqueza, na phrase de Saint-Simon.

«Ha pobres—diz elle—porque ha tambem muita gente que vive, não do trabalho da sua cabeça ou dos seus braços, mas do trabalho alheio, e consome tanto que o trabalho não chega para a sustentar a ella e aos trabalhadores. Ha pobres, porque contam com as esmolos particulares, esmolos dadas pelos desfructadores das terras e dos capitaes.»

Assim como a tempestade abate o joio e o trigo; assim tambem, a revolução deruba as instituições más e as boas!

Corrompeu-se a democracia, como se corrompeu a doutrina do Nazareno!

Quantos são os crentes, quer em religião, quer em politica?

Muitos repetem a locução—soberania do povo—e as palavras—liberdade, igualdade e fraternidade,—da mesma sorte que rezam o *Credo* os que não crêm na vida eterna!

Moços e moças não se pejam de ler perniciosos romances; dedignam-se, porém, de compulsar o catecismo, as obras dos Santos Padres, o *Antigo* e o *Novo Testamento*!

Meninos fumam, jogam, aprendem o vocabulario e a gesticulação dos bordeis; mas não aprendem a rezar o *Padre Nosso* nem a fazer o signal da Cruz!

Na Russia, a falta de liberdade motivou o nihilismo!

Na Italia, a falta de pão e a falta de fé produziram o anarchismo!

O raio da guerra chammeja no sul da Africa!

O facho do fanatismo está incendian-do o Celeste Imperio!

Parece que principia a realizar-se a previsão de um notavel historiador.

Valha-nos a esperança de uma nova reconstrucção, que, segundo a lei historica, deverá seguir o vat'cinado cataclysmo, mais horrendo, talvez, do que o de 1789!

Portanto, no principio do mez, no principio do anno, no principio do seculo, digamos todos:—Viva o Seculo 20! Viva a humanidade!

1—1—1901.

A. P.

Si no pinac'lo do templo,
Prégando-nos bom exemp'lo,
E' muito eloquente a cruz,
De certo é mais eloquente
Uma cruz grande, impnente,
Do sol reflectindo a luz!

Deve ter mais eloquencia
Uma alta cruz na eminencia
Do celso morro do Antão,
Estirando a sombra immensa
Por sobre a ladei'a extensa,
Do sol no occaso ao clarão!

Será mudo missionario
Que ao sec'lo rev'olucionario
Préque o que Jesus prégo;
Que o sec'lo que é já passado,
Por falsa luz fascinado,
Aos abysmos se arrojou!

Não é o materialismo,
Não é o positivismo
Que a f'licidade nos traz:
Só a luz do Nazareno,
Só o Evangelho sereno
Nos póde trazer a paz!

Na entrada do sec'lo novo,
Vem a cruz dizer ao povo:
«Tu necessitas da Fé!»
No meio de mil escombros,
A todos causando assombros,
Ficam mil cruces de pé!

São mil prégedores mudos,
Mas eloquentes, sisudos,
Que ao sec'lo novo prégar
Vêm o christ'anismo velho;
Porque sómente o Evangelho
Nos póde felicitar!

1—1—1901.

W. B.

A Cruz

A' Bernard no Varella

*Na asperesa da celebre montanha,
palco triste que lembra triste scena,
onde Christo succumbe á furia, á sanha
d'um povo em Grita, louco, feito hyena;*

*a cruz, que se levanta sem defeza,
os risores do tempo desafia,
mas elle, que destrõe tanta Grandeza,
respeita na passagem a cruz esguia!*

*Sim! o tempo que célere aniquilla
as Gerações que passam pelo mundo
em pé te deixa, ó cruz, sempre tranquilla!*

*E modesta e serena, olhando o espaço,
tu que animas o fraco e o moribundo,
consolas o infeliz—abres-lhe os braços!*

SIMONIDES
(Ext.)

ECHOU-SE o grande livro do seculo XIX. Ha n'elle paginas de ouro e paginas negras.

Nas primeiras está a historia dos grandes commettimentos, dos seus benemeritos e dos maravilhosos progressos operados durante cem annos; nas negras está a historia da perversidade humana.

A civilisação não conseguiu a fraternisação dos povos. O sangue derramado durante esse periodo formaria um oceano.

As velhas nações não deram exemplos de generosos sentimentos, sug'itando suas questões politicas a tribunaes arbitraes.

As conquistas não cessaram.

A força subjugou a razão.

Ainda nos ultimos dias, vimos a Turquia suffocar a Grecia e hoje a Inglaterra tenta fazer o mesmo ás republicas africanas.

O seculo XX recebe este legado para manchar os seus primeiros dias.

Odio e só odio entre povos, que deveriam ser cultos.

E no entanto, a Igreja, fonte perenne de paz, está a chamar, pela bocca de seu chefe visivel, os povos á concordia.

Leão XIII, o sabio, illuminado por Deus, fechou o seculo com chave preciosa, e o seculo XX ha de orgulhar-se em receber tão extraordinario homem, que não perde oc asião de mostrar o seu espirito conciliador, esforçando-se na pacificação de povos de diferentes raças e religiões.

No meio do desconcerto geral, passa triumphante, atravessando os seculos, incolume, por ser invulneravel, grande em seus ensinamentos, onde o Homem Deus sellou com sangue innocente as mais puras doutrinas, para redimir os homens —a CRUZ.

Praza a Deus que o successor do seculo das luzes, seja o seculo da paz.

L. J.

O dia, o mez, o anno e o seculo

Evidente que hoje não começa a sem'ra; começam, porém, o mez, o anno e o seculo!

Sim, começam, como todos sabem, o mez de Janeiro, o anno de 1901 e o vigesimo seculo, que tem sido mais geralmente denominado o seculo vinte.

Entrando nas considerações que naturalmente nos suggere esta nova éra, occorre-nos que o dia de hoje, segundo os nossos Almanaes, é assignalado como o da commemoração da Fraternidade universal, que aliás nunca existio com a desejavel e pretendida generalidade, e apenas, mais ou menos, relativamente, sendo ainda hoje infelizmente consi-

derada por quasi todos os pensadores como uma lamentavel utopia, ou uma triste illusão, no que são accordes os que conhecem a Historia e ainda os factos recentemente praticados na China, no sul da Africa, no norte da America e n'outras regiões do mundo, de que tem-se constantemente occupado a imprensa jornalística, os quaes na verdade não promettem, n'este ponto, o futuro melhora-mento social ou moral da humanidade.

Deixando, porém, de parte esta circumstancia bem pouco lisongeira e da qual devemos procurar agora esquecer-nos, vamos apreciar o *mez* que ora surge na sucessão do tempo, e para isto ouçamos a seu respeito o que deixou-nos dito um illustrado conhecedor da Historia e da Mythologia.

«Conserva ainda Janeiro o mesmo nome com que era designado entre os Romanos. O indigeta Jano deixou-nos, porém, alguma cousa mais que o nome do seu mez; deixou-nos tambem vestígios das suas festas.

«A Religião nova não desdenhou herdar da velha e santificar para si tudo o que n'ella sentio aproveitavel. Tambem por isto a accusaram, sendo aliás clarissimo o documento que assim dava de tolerancia, força e politica, e ao mesmo tempo altissima e divina lição aos que, por não comprehendem a unidade do mundo, cuidão que o primeiro act. de cada seculo deve ser queimar em monte, e sem escolha, toda a herança do passado. Sim, o Christianismo creou quanto e a mster crear-se; mas quanto era razão conservar-se, conservou-o.

«De Jano, pois, ficaram subsistindo para a nova era, além de alguns folguedos populares, que ainda nossos avós alcançaram, sob o titulo de *Janeirinhas*, outros que geramente se usão, com a denominação de *Estréas e Boas festas*.

«Em honra de Jano vestiã os Romanos suas galas mais alegres para irem ao Capitolio dar graças pelo anno findo e implorar venturas para o novo, completando o dia com visitarem-se uns aos outros: nós nos revestitimos das nossas galas no mesmo dia; encetamol-o pelo Templo, continuamol-o, concluimol-o com p ocular a todos aquelles e m quem o parentesco, a amizade, os beneficios ou o respeito nos ligaram. Presenteavam-se os Romanos com tamaras, figos, mel branco, em vasilhas brancas, e dinheiro: presenteamos-nos ainda nós outros com delicadas confeitarias Ião os Senadores e Patricios saudar no Palatino ao Imperador; vão ainda hoje em todas as côrtes da Europa os altos empregados e magnates, os embaixadores e representantes estrangeiros a comprimentar a el-rei e a real familia.

«A etymologia de Jano (diz Ovidio que o proprio Jano lh'a explicára) é o nome *janua, porta*. A porta olha com uma face para a rua, com a outra para a casa. Jano olha com um dos seus rostos para o tempo que dá costas, com o outro para o tempo que se apresenta. Este Jano de dous aspectos, um para traz, senil e encanecido; outro para diante, louro e meninoiro; este deos velho e moço, leviano e maduro, pacifico e terrivel, morte e vida, saudade e esperança e simbolo absoluto de sapiencia, perdeu as aras onde lhe queimavam incensos e lhe dirigiam votos; mas ainda agora no seu dia vem invisivel infundir-se em nossos animos e indentificá-los consigo...»

phe, do mez ao *anno*, pouco nos cabe dizer com referencia ao nascente iniciador do novo seculo, e apenas que, si não nos enganamos, é elle effectivamente o 1901 do Kalendario Gregoriano, e corresponde a alguns outros annos, contados diversamente, isto é, a partir de diferentes dias e mezes, dando consequentemente em resultado tambem diversas numerações, adoptadas por varios povos.

Enfrentamos, finalmente, com o *seculo* novo, o 20º seculo, que, segundo o conhecido vaticinio do gigantesco Genio Francez, o venerando sabio Victor Hugo, é o seculo da Electricidade, e, no dizer previdente da Historia, será infelizmente o presenciador de grande cataclysmo universal, que transformará a face moral e social da humanidade!

Não podemos certificar si o abalisado poeta da França, ou si o erudito e veneravel Cesar Cantu, o consummado Chronologista, assentaram os seus calculos em bases seguras, limitando-nos apenas a designar a nova era, por conta propria, como

—o seculo fatal da nossa morte.—

Pensamos não ser difficil de comprehender-se que todos nós, todos aquelles que existem hoje, e ainda talvez os que houverem de nascer n'estes proximos dez ou doze annos, não infallivelmente de terminar a existencia dentro do periodo secular que ora começa, de sorte que, de hoje a cem annos, isto é, no dia 1º de Janeiro de 2000, a humanidade actual e a do proximo decennio, ou pouco mais, terá sido quasi totalmente substituida.

Para mais nos convencer-mos d'isto, deparamos com o conceito de Pedro Chernoviz, o grande mestre da sciencia medica e profundo conhecedor do corpo humano, o qual affirma que a morte raramente se faz esperar depois dos noventa annos. E ainda temos a opinião de Haller, de que apenas um so individuo, sobre 1400, chega a cem annos.

Não devemos, porém, nos entristecer por isso, mórmente os que professam o Crédo Catholico e guardam a fé de que Christo ha de vir a julgar os vivos e os mortos e a realizar a resurreição da carne, no dia do Juizo final, em que, no dizer dos Theologos, terá de haver uma como revista geral, á qual comparecerá toda a familia humana, expurgada de quaesquer defeitos phisicos e constituindo um quadro inconcebivel e admirabilissimo!...

Então todos nós teremos a ineffavel satisfação de rever os nossos Pais e irmãos, as nossas esposas e filhos, os nossos parentes e amigos, os nossos mestres e companheiros de estudo, ou de trabalho, os nossos patricios, os nossos consocios, enfim, saudando-nos e abraçando-nos mutuamente, na effusão da mais sincera e entusiastica alegria, e recordando-nos, satisfeitos e gloriosos, dos bens que fizemos n'este mundo, especialmente, quanto a nós outros, nos seculos 19 e 20, em que florescia a «Liga Operaria Beneficente de Santa Catharina!»

S. P.

Boas entradas de anno e seculo
deseja o OPERARIO aos seus
ASSIGNANTES

MOTE

O seculo fatal da nossa morte

GLOSA

*Para saltar, Varella, a sã verdade,
Vou teu mote glosar, se n'aletria;
Porque no se'lo que hoje principia,
Estarenos dos mortos na cidade!*

*De minh'al na in la aumenta a escuridade
A enorme Cruz que en cada freSuezia
Dizen que vai plantar-se neste dia,
Por decreto de Sua Santidade!*

*De nós ambos nenhum motivos tem
Para mostrar entusiasmo forte
Ao receber o d'ido para'hen!*

*Para nós, meu Varella, é triste a sorte;
Que o se'lo do nascer já foi-se e ven
«O se'lo fatal da nossa morte!»*

OUTRA GLOSA

*Meditando no horrendo cataclysmo
Do se'lo vinte, que prevê a Historia,
Em vista do progresso do anarchismo,
Já minh'al na não fica merencoria;
Já me não me'te medo o paroxysmo,
E a glosa supra varro da memoria:
Porque n' s' d'í, Varella, Grande sorte
O seculo fatal da nossa morte!*

W. B.

1-1-1901.

A CRUZ

O mundo Catholico, que passa neste fim de seculo, transmite á posteridade a fé de seu amor prestando-lhe solemnes homenagens; — O Christo Redemptor do Mundo, que nós peccadores não somos dignos de lhe desatar a correa da alpacca, como disse S. João Evangelista, quando possuido das graças divinas, fallava ás gerações, prophetisando a vinda do Messias promettido.

E nós catholicos, hoje cheios destas verdades, alegres saudamos, curvando nossa fronte ante aquella Sabio e Virtuoso Pontifice; — Leão XIII, este grande Luseiro das maiores Sabedorias que da Cadeira do Vaticano, tão bem tem sabido dirigir a Christandade; — já agora convidando o mundo catholico, para tão pomposa manifestação religiosa. — A Christo Redemptor do Mundo; como tão bem, espraçando a luz do saber a todo este orbe, a qual fará jus á gratidão Universal.

—Portanto, devido a boa vontade do Cléro e Catholicos d'esta Parochia, vamos tomar parte nessa manifestação á Jesus; vamos ver collocada no alto do morro do Antão, a Cruz (que outro lugar, não podia ser melhor) sim... a Cruz da Redempção; para de lá, com os braços abertos sobre as immensidades dos mares, e amplidão do Infinito, exprimir e dizer aos viajantes que passam e ás gerações que vem, que ella é o simbolo da fé, e da Redempção e do amor, e que sobre a sua divisa, se fez os maiores e felizes commettimentos.

—Como Christovão Colombo, pobre Geno-

vez e rude marinheiro; *deszobre o novo continente*, firme na fé de Jesus, na noite de 12 de Outubro de 1492, — ao clarão da fogueira d'um selvagem.

— Pedro Alves Cabral, fidalgo portuguez, tambem, possuido da mesma fé catholica, tendo tambem por divisa a Cruz.

Descobre, depois de lutar sobre um mar procelloso:—O Brazil, a 3 de Maio de 1500: aportando primeiro n'uma enseada, a qual chamou se *Porto Seguro* (hoje Bahia) e por signal de fé e graças ao Creador, levanta ahi na Cruz; e offerece pela primeira vez o Santo Sacrificio da Missa, dando o nome de terra de Santa Cruz.

— Constantino — o grande imperador catholico, pela visão que vio no céu, segundo refere a historia, brilhar uma Cruz; com estas palavras:

«Vencerás por meio d'este signal», elle então, cheio de coragem, excitou as suas hostes, venceu e derrotou o barbaro paganismo dando assim paz á Igreja.

Prosigamos enfim, catholicos, ante a verdade que nos diz a historia, até junto aos pés da Cruz do Redemptor do Mundo; levar o pranto de nossa dôr a tantos males que nos opprimem, e perdão para o Seculo que desapparece, e benção e graças para o Seculo que começa.

E que o nosso grande Brazil seja mais feliz e cheio de paz, e que reine sempre o filho amantissimo de Maria, a rosa purissima do valle de Jubalon, a palmeira solitaria de Bethesda:—Jesus Christo, Homem Deus.

ERNESTO FELICIANO SOARES

O PRINCIPIO DO SECULO

Passou a hora do terror, a hora das visões, a hora dos duendes, a hora dos phantasmas; surge a aurora do primeiro dia do anno de 1901, a aurora do esperançoso seculo da electricidade!

Passe a tristeza, como passou a treva; desponte a alegria, como despontou o matutino arrebol.

Segundo balda antiga, damos as costas ao anno que findou, mas fazemos uma grande venia ao anno que começa!

Sempre chamamos bom o anno que principia; sempre denegramos o anno que finda!

Abyssinios, apedreamos o anno que morre; adoramos o anno que nasce!

Assim, não é de espantar que praguejemos o seculo que passou e incensem o seculo nascente!

Digamos que o seculo 19 foi um seculo de corrupção, um seculo sem caracter, um seculo sem Deus, um seculo de calamidades, um seculo de revoluções e de guerras!

Digamos que o seculo 20 será o seculo da electricidade, da restauração da moral, da restauração do character!

Digamos que o seculo 19 foi o seculo das luzes, toldadas, porém, pelo fumo do egoismo, da ambição, do despotismo, do espirito de revolta, das faltas de fé, da falta de moral, da falta de character!

Digamos que o seculo 20 fará reaparecer a verdadeira luz, preparando uma nova reconstrução, que deverá seguir o cataclysmo vaticinado.

Digamos que o seculo 19 foi o Mar Vermelho por onde passou o novo Israel; digamos que o seculo 20 será a terra de Chanaan, onde entrará triumphante um novo Josué.

Desejamos aos nossos contemporaneos um anno feliz; desejamos aos nossos vindouros um seculo melhor do que o seculo que findou.

A. P.



Parabens

A' *Liga Operaria*, pela entrada do Anno Novo

*Embora sejam estas flores
Pobres, pallidas, sem cores;
Iois são as que posso dar-te;
Aos parabens desse povo
Que saúda o anno novo
Eu venho tambem saudar-te.*

*Tu que animas o pobre
Que não tem ouro, e é nobre,
Que és do trabalho amado;
Mereces mil saudações
Dos sinceros corações
Dos elos que prezão a Liga.*

*Que Deus proteja os teus passos,
Dando forças aos teus braços!
Te favoreça o porvir
Ornado de bellas flores,
Suavisando essas dôres
Mostrando a gloria a sorrir!...*

*As madrugadas serenas
E sempre as noites amenas
O teu nome sempre puro,
Que sejam sempre presadas
As tuas manhãs douradas,
Nos passos do teu futuro!...*

*Faço votos ao Senhor
Que seja o teu protector
No desdobrar d'essa Era;
Dando-te fé e coragem,
Que seja a miragem
As flores da primavera.*

*Que os operarios n'um laço
No mais fraternal abraço
Façam-te sempre subir,
Fazendo a «Liga Operaria»
Das glorias proprietaria
No céu da honra a luzir.*

*E tudo quanto desejo
Quanto nos meus sonhos vejo,
Honra! Paz! Eterna vida.
Oh! Deus da grande amplidão
Dae-lhe, Senhor, vossa mão,
Senhor, protejei a «Liga».*

C. CAMINHA

Florianopolis, 31 de Dezembro de 1900.

Brevidade da vida humana

Quando, no fim d'um anno, reflectimos quão depressa passou, e que de poucos espaços tão cultos como este é que se compõe a vida mais dilatada, temos feio idéa da pouca duração da nossa existencia.

Todo o genero humano acredita esta verdade: e, do mais nobre até ao mais humilde, todos a conhecem e a deploram.

Mas, posto que ninguem ignora ser a vida tão curta, faz-se disto mui pouco caso, assim como de outras cousas importantes. Sendo já por natureza tão limitada a nossa vida, nós a fazemos de motu proprio ainda mais breve: queixamo-nos de que nos é dado mui pouco tempo para obrar, e não obstante isto, por indisciplinavel inconsequencia, empregamos esforços para que ainda seja menos. Dos poucos annos concedidos á nossa existencia sobre a terra, ha uma porção consideravel que por sua natureza é privada do exercicio da intelligencia: os nossos primeiros annos, pelo que respeita á utilidade moral, passam-se tão inutilmente, como na idade decrepita, que é quasi dedicada ao somno: depois da infancia segue-se a vertiginosa e inconsiderada juventude, durante a qual não fazemos melhor uso do tempo do que na primeira e ultima idade da vida. Fazendo estes descontos á duração do nosso tempo, quão breve nos parecerá então a vida humana por mais dilatada que seja! E quão reprehensiveis inconsequentes somos em a fazermos ainda mais breve, empregando mal as fugitivas horas que temos á nossa disposição? Se meditássemos seriamente, e calculássemos as horas que diariamente consumimos, sem fazer cousa alguma, ou em objectos inuteis, pasmaríamos e envergonhados ficaríamos a vista de tão criminoso e nocivo despendicio.

De ouro e prata quasi todos somos avaros; mas do precioso tempo, que uma vez perdido se não recupera mais, desperdiçamos grande parte, ainda que continuamente nos queixamos da pequena quantidade que nos é concedida. Se as razões já expendidas fosse necessario accentuar-se mais argumentos a favor do melhor aproveitamento do tempo, bastára sómente lembrar-nos de quão incerto é o titulo porque o possuímos. Ainda a vida mais extensa é curta e breve; e o mais moço de nós está na incertesa se vivirá um só dia mais, ou até uma só hora. Não é somente contra cabellos brancos, ou membros paralyticos, que a morte inexoravel dispara os tiros, tambem o berço não está isento de seus ataques; e os calculos mais exactos que se tem feito, ou podem fazer sobre a mortalidade da especie humana, mostram que é maior o numero dos mortos antes dos dezesete annos do que depois desta idade.

Meditem pois os nossos leitores moços quão fugaz é o tempo que nos é concedido viver, e talvez que então façam uso mais louvavel e proveitoso de cada porção d'elle. Todos os bens deste mundo se podem dispensar, ou recuperar, excepto o tempo, que uma vez perdido perdeu-se para sempre: e emquanto lamentamos a perda do tempo passado, foge o presente e torna a perda ainda mais sensivel.

Quereis, ó mancebos, desfructar vida prolongada? Occupai-vos em todo o tempo que velais; pois não é o grande numero de annos, mas sim o bom uso e aproveitamento do tempo, que fazem a vida extensa, e dão o acatamento e veneração devida ás cans dos que habitam largos dias sobre a terra e vê nascer e morrer gerações inteiras.